



Sérgio De Zen

é Professor doutor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), e pesquisador responsável pela área de pecuária do o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea)/USP.

Colaboraram os analistas de insumos:

Ana Paula Negri, Rodolfo Jordão e Marianne Tufani

Sal mineral à mercê do dólar

Os preços do sal mineral e da ureia estão em alta no mercado brasileiro desde o início deste ano. Segundo levantamentos da equipe de insumos pecuários do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea)/USP, considerando-se a média das regiões acompanhadas, o sal mineral com 80 g de fósforo/kg (sc de 30 kg) se valorizou 6% de janeiro a maio. Para a ureia (saca de 50 kg), o avanço foi de 5% no mesmo período. Esses aumentos nos valores do sal mineral e da ureia estiveram atrelados, dentre outros fatores, à queda da produção nacional destes insumos e à alta do câmbio. Em março, a Petrobras anunciou o fechamento de duas fábricas que produzem ureia, como noticiou **DBO** na edição passada. Apesar de a estatal ter garantido a oferta do produto até dezembro, o setor tende a ficar dependente das importações e, conseqüentemente, das variações do dólar.

Segundo dados da Secretaria Especial do Comércio Exterior (Secex), órgão do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, entre janeiro e maio o Brasil importou 90.200 t de ureia, quantidade um pouco inferior à dos cinco primeiros meses de 2017 (- 4,4%), quando foram importadas 95.000 t, mas os gastos com o insumo subiram 8,6%, devido ao aumento de 13% no câmbio, durante esse período. No caso do fosfato, matéria-prima utilizada para o sal mineral com 80 g de fósforo por kg, tanto a quantidade quanto os custos registraram expressivos aumentos. Na parcial deste ano, foram importadas 1.400 t de fosfato, com os gastos somando US\$ 607.600, elevações de 28% e de 21%, respectivamente, em relação a igual período de 2017, ainda de acordo com a Secex.

Diante disso, conclui-se que o dólar antecipou o movimento de alta que normalmente começa a ocorrer com mais força nesses insumos apenas a partir de junho. De acordo com estudos realizados pelo Cepea com base na metodologia de Hoffmam (2002), o comportamento dos preços da suplementação mineral é sazonal, com picos de alta em junho, julho e agosto. Ainda segundo o Cepea, a suplementação mineral representa 25,2% dos Custos Operacionais Efetivos (COE) do sistema de cria e 18,8% do de recria/engorda (veja gráfico). Desde maio, com o início da entressafra, esse custo começou a pesar mais no bolso do pecuarista, devido à perda de qualidade nutricional das pastagens e, conseqüentemente, à maior necessidade de se suplementar os animais.

Outros insumos

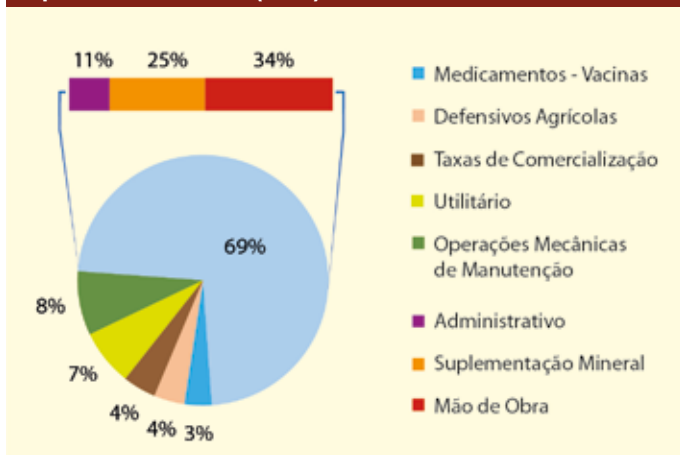
Além do sal mineral e da ureia, outros insumos que compõem a dieta nesta época do ano também registraram alta. De janeiro a maio, a elevação no preço do farelo de soja, por exemplo, foi de 20%, de acordo com o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Paranaguá). Quanto ao milho, o aumento é ainda mais expressivo, de 31%, conforme o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (Campinas/SP). Isso significa maior custo de produção e menor receita, principalmente para os pecuaristas dos sistemas produtivos de recria/engorda e confinamento, que ainda estão tendo de trabalhar com uma reposição cara e preços da arroba (receita) em queda neste ano. De janeiro a maio, o boi gordo se desvalorizou 5%, segundo o Indicador Boi Gordo ESALQ/BM&FBovespa (São Paulo/SP). ■

Preços do Sal mineral com 80 g de P (sc de 30kg) x dólar, em termos reais



FONTE: CEPEA/ESALQ-USP

Representatividade dos grupos de insumos sobre o Custo Operacional Efetivo (COE) no sistema cria – média Brasil



FONTE: CEPEA/ESALQ-USP